

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PESQUISA SOCIOLÓGICA: o materialismo histórico hoje e suas implicações no debate científico contemporâneo.

José Carlos SERVELLO JÚNIOR*

RESUMO: Este artigo procura refletir sobre a atualidade do materialismo histórico, debatendo com outras correntes metodológicas que acreditam que ele não mais é viável nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia, materialismo histórico, Ciências Sociais.

Uma das principais temáticas dentro da pesquisa nas ciências humanas é de como desenvolver uma pesquisa, tanto no que se refere a todo o material utilizado, quanto às técnicas empregadas, como também ao arcabouço teórico metodológico que tem a tarefa principal de analisar o objeto da pesquisa. Este breve estudo procurará refletir justamente sobre o segundo aspecto, uma vez que tal procedimento de construção de um referencial teórico nas Ciências Sociais, especificamente, apresenta-se hoje como um verdadeiro dilema ao pesquisador. Neste sentido, surge uma série de questões que podem tornar-se um empecilho no processo de análise a que o pesquisador se propõe. Qual a melhor metodologia a ser empregada? Como trabalhar com esta vasta gama de teorias sem se perder em um reducionismo vulgar? Seria correto se fechar dentro de uma única corrente de pensamento e deixar de lado as demais? Longe de encontrar todas estas respostas, passaremos, a partir de agora, a discutir certos pontos da análise metodológica que devem preocupar qualquer pesquisador que queira produzir um estudo conciso e, acima de tudo, que traga algum retorno à sociedade, não

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP Araraquara - SP. Orientador: prof.dr. José Flávio Bertero.

ficando estagnado em meras elucubrações teóricas ou no empirismo imediatista.

Antes de qualquer coisa, o pesquisador deve ter em mente seu compromisso com a ciência. Mais que uma mera tarefa profissional ou estudantil, é o compromisso ético do desenvolvimento de uma análise que se propõe a encarar de frente um problema, encontrando seus fundamentos históricos para assim entender a realidade atual e, por fim, propor soluções para o futuro, em um conjunto de análises que se mostram como uma difícil jornada a ser empreendida.

É muito comum nas ciências humanas, mais especificamente nas Ciências Sociais, que nos interessa com mais exatidão, o fato que poderíamos intitular de ondas de prestígio e esquecimento de certos autores e escolas de pensamento, que pairam à deriva de verdadeiros modismos acadêmicos, muitas vezes incentivados pelas grandes instituições de fomento à pesquisa. Preocupadas com resultados imediatos, essas instituições renegam e sepultam todo um vasto leque de alternativas metodológicas, que consideram ineficientes ou simplesmente ultrapassadas, difundindo no meio acadêmico leis para a condução de uma pesquisa dita correta.

Existem vários nomes que podem ser incluídos nesta lista de renegados do meio acadêmico, mas um nome surge de imediato quando se trata do assunto: Karl Marx. Já há algum tempo este autor vem sendo alvo de críticas, muitas vezes infundadas, que o tornaram *persona* não grata das ciências humanas, levando os seus poucos e últimos seguidores a se esconderem atrás de termos que tentam encobrir sua origem marxista, a fim de não ter sua pesquisa rotulada e julgada antes mesmo de concluída.

Paramos neste ponto para centrar nossa atenção neste verdadeiro julgamento, em que Marx já teve sua condenação decretada e parece cumprir sua pena de ser tido como um teórico que não tem uma teoria que possa ser empregada na análise da sociedade nos dias de hoje. Como pesquisadores, como poderíamos encarar este fato? Seria tal posição decorrência de interpretações dúbias ou meramente reducionistas, ou mesmo como já virou jargão entre os defensores de Marx, uma leitura vulgar de sua teoria? Torna-se um tanto quanto problemático promover outro julgamento para se chegar à conclusão de que tudo isso está certo ou não. Mostra-se mais coerente partirmos para uma rápida revisão dos conceitos empregados por Marx em sua teoria, para assim termos condições de a avaliarmos e concluirmos se ela é tão falha assim.

A fim de podermos obter uma melhor caracterização da origem da teoria elaborada por Marx, não podemos deixar de explicitar os pressupostos por ele utilizados na construção de sua pensamento. Por um lado, Marx sofre a influência da filosofia alemã no aspecto da construção dos princípios básicos da dialética,

no que se refere aos aspectos da negação da realidade; até o ponto onde ele discute as proposições de Hegel e sua dialética idealista, já seguida por outros autores, que discutiam com Hegel, mas em última análise, recaindo no mesmo idealismo. É neste ponto que Marx, em sua obra *A ideologia alemã*, acerta as contas com o idealismo hegeliano, demonstrando como se deve proceder no momento de, mais do que simplesmente analisar, transformar a sociedade na consolidação do chamado materialismo dialético.

Por outro lado, Marx herda também toda a tradição da economia política clássica de autores como Adam Smith, Thomas Robert Malthus e David Ricardo, que já vinham desenvolvendo conceitos como: valor, distribuição de renda, acumulação de capital, leis de produção e de mercado, entre outros. Marx também se utiliza deste referencial para desenvolver sua teoria, vindo na sua obra máxima, *O capital*, a dedicar boa parte de seu tempo a discutir com esses autores sobre as lacunas deixadas nas construções conceituais por eles desenvolvidas. Isto mostra-se de forma mais clara na *Introdução à crítica da economia política* onde Marx escreve os fundamentos de sua metodologia de forma simples e contundente no item *O método da economia política*, dando uma verdadeira aula de rigor científico e responsabilidade na análise da nossa sociedade.

Partindo então destas duas correntes de pensamento, podemos começar a vislumbrar de forma mais detalhada os fundamentos utilizados por Marx na construção de sua teoria. O primeiro aspecto a ser apontado é quando muitos ainda o chamam de jovem Marx, que escreve *A ideologia alemã*, discutindo a necessidade de rompermos com o idealismo na hora de caracterizarmos e refletirmos sobre a sociedade a qual estamos inseridos. É neste momento que Marx diverge de Hegel, quando ele propunha que na formação da realidade, a consciência determina a existência. Já para Marx, isso se dá de forma contrária onde a existência determina a consciência, sendo que o homem, que ele considera como categoria principal, deve ser tratado como um ser histórico, real, e encarado dentro dos seus nexos sociais, se relacionando com os demais.

É nesse sentido que Marx começa a demonstrar como o universal se mostra concretamente para este homem real, que reproduz suas condições de existência em um relacionamento com a natureza e com os seus semelhantes, constituindo toda uma teia de relações sociais, oriunda do trabalho, neste caso, tido de forma bem particular, se comparado com o trabalho desenvolvido pelo homem em outros momentos históricos: o trabalho assalariado, característico do sistema capitalista de produção, onde o trabalhador, desprovido dos meios de produção, vende sua força de trabalho a fim de se manter, originando as

classes sociais e todo o embate com sua classe antagonica: a burguesia. Este homem que Marx propõe é aquele bem diferente do contemplativo de Hegel, mas sim aquele provido de *práxis*, uma atuação prática e crítica a respeito do *status quo*, que neste processo de perpetuação das suas condições de existência gera seus valores, e por último, tem como propósito a transformação da sociedade.

Neste momento abrimos um rápido parêntese para mostramos que, baseado nisto, podemos ter o marxismo como uma teoria social que se propõe a analisar a sociedade, como também podemos colocá-lo como uma doutrina que propõe mudanças sociais a fim de se construir uma nova sociedade, com novos fundamentos e relações. Com isso encontraremos um dos principais pontos em que Marx é criticado nos dias de hoje. Trata-se justamente dessa certa confusão que se faz, seja pela mera tentativa de desabonar a teoria marxista ou mesmo por leituras que não conseguem compreender toda a complexidade do materialismo histórico, confundindo a parte da teoria com esta doutrina futura que Marx propõe à dinâmica social.

Fica claro que as condições atuais da realidade não contribuem para a concretização das proposições de Marx, mas longe de descartá-las logo de início, seria mais coerente podermos compreender como elas são postas e assim encontrar em uma leitura desprovida de preconceitos as suas bases estruturais. De forma aqui bem resumida, Marx, propõe que, a partir da consolidação das forças produtivas, o que ele chama de condições objetivas, juntamente com a tomada de consciência da classe trabalhadora, oriunda da luta de classes, o que seriam as condições subjetivas, ocorreria o embate entre as classes. Os trabalhadores então assumiriam os meios de produção e posteriormente o poder, para se chegar a uma sociedade sem classes: o comunismo. Não podemos saber também se as condições que são necessárias para iniciar esse processo já se mostram nas condições específicas para tal, tornando esta discussão um tanto quanto problemática, pois quem pode responder quando isto acontecerá?

O importante aqui não é defender se ocorrerá ou não a revolução como Marx a propôs, mas sim nos lembrarmos de certos fundamentos históricos, que podem nos instigar a refletir sobre o tema. Temos que ter em mente que estamos, em última análise, tratando da concepção de história e como a entendemos. Para tal, precisamos levar em consideração que vivemos em um sistema econômico, e por assim ser, de origem social que nem sempre existiu, foi moldado segundo o devir histórico de uma sociedade em contínuo desenvolvimento, em um processo dinâmico gerado pelas relações sociais de cada tempo. Assim, nada nos garante que este mesmo sistema em que estamos inseridos no momento se perpetue para

sempre. Caso isso aconteça, podemos então ter em mente que realmente chegamos ao fim da história e que se esgotaram as alternativas de desenvolvimento social. Nossa sociedade já teria dado o máximo de si, não teríamos mais o que fazer senão assistirmos passivamente a repetição de fatos sem nenhum tipo de reação.

Seria então recair em um reducionismo sem tamanho, creditar todo este ônus a Marx, sem antes refletir sobre estas questões. E mais: aglutinar em um mesmo patamar, estas concepções de mudança social, a toda uma teoria que foi concebida diante de uma sociedade com um sistema econômico que ainda se mostra em pleno desenvolvimento de suas condições de perpetuação. Pode ser que todos os pressupostos de revolução que Marx desenvolveu realmente não ocorram ou então ocorram de forma diferente do que foi esperado; só não podemos por conta disso, decretar também a ineficácia de uma teoria que se propõe antes de transformar, caracterizar nossa sociedade, e nisso ela consegue êxito de forma brilhante. Por que então descartarmos logo de imediato o método marxista das nossas análises científicas?

Mas não paremos por aqui, voltemos à nossa linha de raciocínio. Após passarmos por estas questões sobre Hegel e também como surgem certas concepções errôneas sobre a teoria marxista, voltemos nossa atenção à herança da economia política clássica e seus reflexos na elaboração da teoria de Marx. Trata-se talvez do mais problemático ponto de críticas à teoria marxista, tendo-se em vista que muitos, por não concordarem com os fundamentos e conceitos aqui trabalhados, ou simplesmente não entenderem do que está se falando, depositam em Marx a acusação dele estar fazendo uma leitura reducionista, caindo em um economicismo que deixa de lado todo os demais aspectos da sociedade, centralizando sua análise nos aspectos econômicos.

Partindo do ponto mais remoto, podemos constatar que na sua luta contra as necessidades naturais a ele impostas, o homem inicia, além de uma série de relações com outros homens, também a geração dos meios de reproduzir suas condições de existência de forma mais eficiente, com a criação de meios de produção que não se esgotam simplesmente no processo de produção material. Este primeiro estágio, juntamente com a energia humana despendida pela força de trabalho, caracterizariam o que Marx intitulou de *forças produtivas*, em uma relação que gera o desenvolvimento das relações sociais.

O desenvolvimento destas forças produtivas, bem como das relações de produção que concretizam o modo de produção capitalista, se concentrariam na chamada *infra-estrutura*, que por sua vez dariam origem à *superestrutura*, que seriam todas as demais instituições de natureza humana, estando em constante

interligação com as bases de produção material. Assim sendo, a relação entre a *infra-estrutura* e a *superestrutura* se dá pelo processo que resumidamente poderia ser tido de forma que, segundo o desenvolvimento das forças produtivas, se chega a um dado tipo de relação de produção, gerando assim uma determinada formação das instituições sociais, em um processo sempre em desenvolvimento. Deste modo, Marx em sua teoria, deixa de lado toda uma concepção de sistema ontológico do ser e passa a destacar como se dá a formação dos valores humanos, a partir do próprio sistema de produção.

É justamente neste ponto que teríamos de chegar para desenvolver a questão sobre certas críticas que Marx recebe de seus opositores. Vamos procurar centrar de forma rápida o mais contundente dos ataques que ele recebe, que até certo ponto também já se tornou quase que um jargão nas mãos de muitos que mal conseguem abstrair o conteúdo de uma teoria tão complexa como a marxista, mas que por força das circunstâncias, e principalmente por achar que podem encontrar meios mais eficientes para analisar as problemáticas sociais, passam a criticá-lo.

Marx critica os economistas clássicos, no momento em que eles promovem uma exacerbação de um economicismo reducionista, exercendo uma análise isolada das condições materiais do ser humano, e assim não conseguindo chegar ao ponto de vislumbrar a sociedade em sua totalidade. Já para aqueles que não creditam à teoria marxista a possibilidade de abarcar análises sobre as relações sociais de forma satisfatória, Marx, ao criticar os economistas clássicos, estaria recaindo no mesmo erro que eles: reduzir toda uma vasta gama de elementos sociais à uma ditadura do econômico, que mais que gerar, também controlaria os demais níveis de relações da sociedade. Marx reduziria tudo à *infra-estrutura* onde prevaleceria o lado econômico, enquanto a *superestrutura* parece ficar a mercê das relações econômicas.

Trata-se realmente de uma severa crítica aos fundamentos da teoria marxista, porém uma crítica que se torna quase que insignificante, à beira da tolice, quando temos a possibilidade de compreender de forma mais exata os escritos de Marx. Somente aqueles que não conhecem a teoria marxista ou fingem não conhecer, poderiam cair no grave erro de colocar *infra-estrutura* como sinônimo de economia, tendo-se em vista que trata-se de coisas completamente diferentes.

Antes de qualquer coisa, temos de ter em mente que *infra-estrutura* refere-se à realidade abstrata da produção, ou seja, de modo mais explícito, a *infra-estrutura* não é a economia, mas sim toda uma teia de relações sociais que se originam a partir das relações de produção material. Ao se relacionar com a natureza, o homem, em seu processo de geração de meios de perpetuação de

suas condições de existência, tem a necessidade de constituir relações com os demais, para tornar mais fácil sua tarefa de lutar contra os constrangimentos impostos pela natureza à sua existência.

Deste relacionamento cotidiano é que surge o meio pelo qual o homem se sociabiliza. É o chamado fundamento de sociabilização do homem pelo trabalho. Em momento algum Marx propõe que é a economia que determina a sociabilização dos homens, muito pelo contrário, esta relação entre os homens, que de acordo com o sistema econômico capitalista, tem por objetivo a produção de excedentes de mercadorias a serem lançados no mercado, a fim de valorizar o montante de capital inicialmente aplicado, também produz a economia. A partir do desenvolvimento das forças produtivas é que se desenvolve a economia. Em última instância, a economia se coloca como mediadora da troca de mercadorias na sociedade, em um processo que é voltado a reconversão de capitais na produção para se gerar mais-valia. Por fim, só resta destacar que muito do que se fala a este respeito, vem da concepção errônea de que capital constitui uma coisa.

Longe disto, o capital se mostra como uma relação social, e o que Marx procura demonstrar é como este capital se apresenta nos diversos setores da sociedade; é a unidade do diverso, constituindo o universal em uma totalidade que deve ser o ponto de partida para qualquer análise. Tendo em vista que se partirmos do particular nunca chegaremos ao universal, devemos então proceder de forma inversa, procurando traçar conexões do todo com as partes.

Este é o fundamento que Marx se utiliza para constituir uma análise da sociedade em um processo que tem como ponto de partida e de chegada o concreto. Para tal, deve-se partir deste nosso concreto imediato e facilmente perceptível para, a partir daí, iniciarmos um processo de reflexão onde chegar-se-á ao dito concreto pensado. É esta realidade em que vivemos, só que agora refletida segundo uma visão crítica, que tem por objetivo encontrar os fundamentos explicativos dos acontecimentos históricos para solucionarmos questões atuais.

O que então tudo isto contribui para a nossa conduta intelectual como pesquisadores? Seria mera defesa da teoria marxista, ou um cego saudosismo extremo? Trata-se sim, de uma revisão dos conceitos marxistas à luz das críticas a ele destinadas, mas, mais que isso, um retorno à responsabilidade intelectual onde temos de ter em mente que não é qualquer processo de análise, muitos deles meros modismos, que nos dá as ferramentas para utilizarmos no processo de ultrapassar a barreira do imediatismo, do fenomênico, já que a realidade não é realmente da forma que se apresenta aos nossos olhos. Ela se apresenta de forma distorcida, onde sem a existência de um método verdadeiramente científico

não teríamos como encarar esta realidade oculta, e mais, não haveria razão de existir a ciência e o seu quadro de pesquisadores. Poderíamos fechar as portas das universidades e dos centros de pesquisa.

Nos dias de hoje, onde se prega a utilização dos mais diversos recursos para se compreender a nossa sociedade, estaria na hora antes de tudo, de exercermos uma reflexão sobre o compromisso que temos em refletir sobre nossa sociedade e como se dá a produção científica a que nos propomos. Estaríamos trazendo contribuições à nossa sociedade ou estaríamos nos fechando em meros caprichos particulares que recairiam na construção da ciência pela ciência?

Em um momento tão conturbado das ciências humanas, é nosso dever resgatar o compromisso com o rigor metodológico que é a característica primordial da ciência, para só assim podermos ser verdadeiros pesquisadores.

Referências Bibliográficas

- BARBER, J.W. Uma história do pensamento econômico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- BELLUZZO, L.G. Valor e capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BIANCHI, M. La teoria del valor desde los clásicos a Marx. Madrid: A. Corazon Editor, 1975.
- CARDOSO, F.H. As Classes no Capitalismo Contemporâneo. In Revista de economia política nº 5. São Paulo: Brasiliense, Março, 1982
- FAUSTO, R. Marx, lógica e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GIANNOTTI, J.A. A sociabilidade truncada. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, 1990.
- _____. Formas da sociabilidade capitalista. Novos estudos CEBRAP V. 24, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- _____. Origens da dialética do trabalho. São Paulo: Difel, 1966.
- IANNI O. (Org) Marx. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática 1992.
- MARX, K. O Capital. Cap. VI (inédito) São Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.
- _____. A Ideologia Alemã, São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. Teorias da mais-valia. In O Capital. São Paulo: Fifel, 1985.
- _____. O método da economia política; Para a crítica da economia política. In Os Pensadores. São Paulo: Abril S. A., 1974.
- RUBIN, I. I. Ensayos sobre la teoria del valor. Córdoba, P y P, 1974.